

XXXI. COM O RITMO DA CHUVA

Há algo branco e afiado no fundo do tempo.
Estou tratando de mirar detrás da tua pele
mas a cidade está repleta de ruído e luz
E o subtil torna-se invisível.

Há tempo que procuro algo branco e afiado.
Cada dia submirjo-me no mar
para escutar muitas palavras
que recita o silêncio.

Estou aprendendo
o idioma que fala o lume
quando crepita nas noites
e o ritmo da chuva
quando cai nas poças
que ela mesma emana

Há algo a vibrar na terra
que me chama de dentro
e vibra em mim desde sempre.

E na água do mar,
E no lume, e na chuva.
E detrás da tua pele...

Alexandre Brea Rodríguez, *O livro branco*, Livros de Ontem, 2017

**PODEREI SER UMA DAQUELAS
PESSOAS QUE LÊEM SINAIS**

Agora passo ao de leve pelas coisas
E tudo é transparente
Sou um fantasma sou um anjo
Nem sequer de cócoras posso estar
O mundo é cada vez menos inconsistente
Escrevo tudo como se fossem cartas
Trespasso objectos com um olhar diáfano
Posso agora assistir melhor
Ver como cai o pó
Essa preocupação inverosímil
Um pouco tonta
quando tudo se esboroa
sei agora como cai
não sei como é estar vivo

Rosa Oliveira, *Tardio*, Tinta da China, 2017

VII

Sou mulher de vestígios fáceis e dignos
os meus cabelos espelham a curva
de quem foi embora, evitando céus
as vezes entornadas em que os teus
risos demolidos deixaste
o mundo está por isso nos cabelos e
nas unhas enviesadas roídas pelos olhos.

Sou como as mulheres emparedadas ao
encontro dos cios
dizendo a carne aberta, enroladas em trapos
correndo brancas como casas glaciares perdidas,
gatas esguias desafiando cornos

Sou como as mulheres que sobem de
encontro ao peito
e se devoram de amor, abrindo em crucifixo
a vida
eu tenho andado de corpo aceso em
vislumbre
sentada entre as pernas que me deixaram
vazia
erguida num andaime triste

Assomei-me de esperança perdida saindo
de uma rotunda dos Anjos
a miséria à minha sombra galgando pão.
Se hoje somos lúcidos é porque desafiamos
praças à espera de alguém
e erguemo-nos em tudo de voz inteira e
loucura

Dói-me o mundo todo excepto a tua mão
a lavar-me por dentro
isso sabemos nós.

Claudia R.Sampaio, 1025 mg, VII, Douda Correria, 2017

CONTRATO SOCIAL

Estava disponível para negociar.

Aceitaria as dificuldades,
mas não
a privação. Ou aceitaria a privação,
mas jamais a fome.
Aceitaria a fome, mas
nunca a vergonha. Ou a
vergonha,
mas não a humilhação,
ou aceitaria a humilhação, mas
nunca o sacrifício. Aceitaria
o sacrifício, mas não o abate.
Aceitaria o abate.
Só queria que Ihe garantissem
que não seria em vão.

Madalena de Castro Campos, *La Mariée Mise à Nu*, Companhia das Ilhas, 2017

MUSICA ANTOLÓGICA AND TODOS CONTENTES

Bom é gostar daquilo que os amigos escrevem
e não ter de mentir na volta do correio.
Não há felicidade mais em conta nos tempos
que correm. Somos gratos a quem nos elucida
sobre a queda do cabelo ou a fraqueza da razão,
quem nos lembra que ainda temos tempo
de morrer acompanhados.É, só por esta vez,
esquecemos todo o nojo que sentimos
de nós próprios, escolhemos a camisa mais
lavada, escovamos o sorriso, e recebe-nos a rua
-quem diria!-com um beijo em cada face.

José Miguel Silva. *Últimos Poemas*, Pasteis que sobraram da festa e seria uma pena deitar fora, Averno, 2017

Estamos parados de olhos postos
No céu cheio de nuvens, o mais alto
Que vemos não ultrapassa a nossa falta
De misericórdia para com quem
Sofre mais do que nós. A vida tem

O cheiro da roupa acabada de estender
Logo depois de sair da máquina. Dá
A ideia de estarmos muito tristes
Nesta subida da escada rolante
Par ir cada um tomar café sozinho

A imaginar corpos com asas à
Sua volta, pássaros de centro
Comercial pairando. Mas nem todos
Temos dentro das mãos o peso da folha
A cair da árvore em Novembro. Nem

Todos somos ignorantes da morte.
Talvez qualquer pergunta seja sábia
Por causa do medo e há demasiadas
Formas de isolamento -- a nossa é
Apenas mais uma, apenas a nossa

Ruí Almeida, *Talvez a Dúvida*, 12º poema, Douda Correria, 2017

Somos daqueles que limpam os ouvidos
com a chave do Mercedes
e fazem estalar os dedos,
às escuras, nas salas de cinema;
filhos das vindimas e da apanha da azeitona,
homens, quando a noite usa decote.
Somos, hoje, a melhor geração
de cansados profissionais, os mais vendidos autores do acaso.
Treinamos predadores de moscas,
limpamos passados, fígados gordos, rins cheios de diamantes.
Temos as mãos trémulas, é certo,
mas arrumamos,
seguros,
o dominó, no pátio do Alzheimer,
pois é a nós que procura a seta.
De maneira que não adianta muito termos pressa:
um dia, alguém chamará por nós
e nos marcará no peito
o número da sorte
com o ferro quente
com que se conta,
na Primavera,
o gado.

Golgota Anghel, *Nadar na piscina dos pequenos*, Assírio & Alvim, 2017

APRENDIZAGENS

Era cromada e preta a bicicleta,
trazia um laço largo no volante circulando
o Natal e rodas generosas
como parecia o mundo

Eu, na manhã seguinte,
sem saber sustentar a rota nivelada,
o meu pai a meu lado, segurando o assento,
a sua mão: aceso fio de prumo,
em acesa confiança.

Depois, era-lhe a voz entrecortada
pelo puro cansaço de correr,
tentando harmonizar a bicicleta.

Hoje, muitos anos depois de gestos paralelos,
a minha filha sobre outras estradas,
a minha mão corrigindo o desvio de mais modernas rodas,
entendo finalmente que era emoção o que se ouvia
na voz interrompida do meu pai:

o medo que eu caísse,
mesmo sabendo que eram curtas as quedas,
mas sobretudo a ternura de me ver ali,
a entrar no mundo dos crescidos,
em equilíbrio débil,
rente à saída circular da infância.

Ana Luísa Amaral, *What's in a name?*, Assírio & Alvim, 2017

**MEMÓRIAS DA CASA DA CHINA E DE OUTRAS VISITAS,
À MANEIRA DE YUAN MEI**

No meio do silêncio
a memória fustiga
o rosto do homem
que fechou o coração
ele sabe que a chuva e o vento
não são nada comparados
com a tempestade que se abate
sobre a sua consciência
não ousa abrir a porta
ou mesmo um postigo
que dá para um pátio interior,
por qualquer deles
poderiam entrar as montanhas
e os mares em fúria.

**Manuel Afonso Costa, *Memórias da casa da China e de outras visitas*, Da
secção «I Memórias da casa da China», Assírio & Alvim, 2017**

REVEL

O meu mundo é este
que trago na cabeça
como uma coroa de rosas que
resgatei de mil e uma primaveras.
Arranquem-me tudo menos a música,
a poesia,
os livros,
o imaginário das coisas crescendo
no ventre obscuro do sonho.
Tirem-me tudo menos as pessoas,
as minhas pessoas,
a minha figura originalmente estranha de amor,
o drama, o verso inverso do mundo.
NÃO DEIXEM AS MINHAS ROSAS SECAR!
Eu não sou uma cópia, foda-se.
Fodam-se as fotocópias e os manequins,
roçando orgulhosamente o peito vazio
no balcão sujo dos bares.
Deem-me uísque e lancem-me
à roda dos meus poemas.
Deem-me sossego e festa
junto à boca das minhas feras
e morrerei sóbrio de futilidades.
A minha tribo é a dos loucos que sonham!

Nuno F.Silva, *Cativeiro*, Idioteque, 2017